

RICARDO JORGE BATISTA DOS SANTOS FEITOSA

Extraordinário aproveitamento em Filosofia

**POTENCIALIDADE DA ALMA – ETERNIDADE DA ALMA E
QUESTÕES AFINS EM AGOSTINHO DE HIPONA**

Professor Orientador: Prof. Gessione Alves da Cunha

Faculdade Católica de Anápolis

ANÁPOLIS

2023

POTENCIALIDADE DA ALMA – ETERNIDADE DA ALMA

E QUESTÕES AFINS EM AGOSTINHO DE HIPONA

Resumo: Agostinho de Hipona (Tagaste, 354 – Hipona, 430), bispo, doutor da igreja e grande mestre do pensamento ocidental, viveu em uma época de grande transformação política e religiosa, as questões doutrinárias dentro da Igreja Católica; a perturbação das religiões gnósticas e o avanço dos povos bárbaros sobre os territórios do império romano. Sua trajetória humana está marcada pelas influências de sua época e seus conflitos pessoais. Seu trabalho *Sobre a Potencialidade da Alma* é fruto de suas reflexões filosóficas em meio aos questionamentos de seu amigo Evódio [s.d.], sobre a natureza da alma e suas potencialidades, dado em Roma pelo ano 388 d.C. Este artigo científico pretende mostrar, em resumo, o pensamento sobre o tema da imortalidade da alma, do ilustre Agostinho de Hipona.

Palavras-chaves: Agostinho de Hipona, Filosofia, Potencialidade da Alma.

1. INTRODUÇÃO

Embora grandes mestres da época, tais como Clemente de Alexandria, Basílio Magno, Orígenes, Justino, Tertuliano, dentre outros, tivessem comentado em suas obras temas inerentes a alma humana, foi pioneirismo de Agostinho tratar sobre as potencialidades da alma em “*De quantitate animae*” em 388 d.C quando por sua passagem na capital do império. Agostinho adota *quantitate* no sentido de potencialidade, qualidade, mas nunca no sentido de grandeza, dimensão ou extensão.

O estudo da alma em si mesma faz parte da ontologia quando se fala de alma (grego: *psyché*; em latim *animus*), e espírito (grego: *pneuma*; latim: *spiritus*), falamos de uma só coisa, vista sob aspectos diferentes: princípio vital e de animação (*animus*) e substância própria e imaterial (como procede a alma agindo no corpo e junto a este, e como a alma atua por suas potências próprias). Agostinho quando trata da potencialidade da alma destaca o conhecimento sensível.

A natureza da alma não se explica apenas pela teologia. O pensamento racional e filosófico especula sobre a realidade de um princípio maior que dá animação aos seres vivos. Dois grandes pensadores da antiguidade grega o fizeram, Platão e Aristóteles. Segundo o idealismo platônico a alma e o pensamento são ideias, que emanam de uma ideia primeira, o arquétipo, e se confunde com a ideia primeira. Platão defende a imortalidade e a imaterialidade destas ideias emanadas em Fédon e Timeu, não faz referências à animação do corpo, porque considera o corpo um acidente da alma, o cárcere do espírito.

No realismo moderado de Aristóteles a alma (*psyché*) é princípio vital e de animação do corpo, é sempre nessa função que ele fala da alma.

Embora refletindo sobre a existência de algo imaterial, com realidade própria, capaz de dar animação ao corpo, ainda assim era difícil ao pensamento filosófico de então dizer precisamente qual é a natureza da alma, a não ser pelas negativas, informando o que a alma não é: não é matéria e não é mortal, sendo manifestação de um bem supremo etc. Isso em Platão.

Também a alma não é efeito, mas causa, anima o corpo, mas atua sem ele no *nous*, no pensamento, como diria Aristóteles. Daí o axioma: **o pensamento não tem órgão**. Agostinho, fundamentando-se no patrimônio filosófico grego, admite ser possível determinar exatamente esta natureza.

A alma não é matéria, certamente não é, e se a conhecemos atualmente a partir dos dados sensíveis, que a mente recolhe e interpreta, a alma que não é visível, ouvida, provada, cheirada ou tocada, que não tem extensão ou medida, que é capaz de entender e definir medida e extensão, logo, a alma não se enquadra na natureza das coisas que podem ser percebidas e entendidas.

Mens se ipsam per se ipsam novit, a alma conhece a si mesma por si mesma (*Sobre a Trindade* 9;3). O entendimento da alma é do inteligível, não do sensível. Aqui está o método de reflexão.

O método é fundamental para compreender uma determinada expressão filosófica, e o método de Agostinho é muito pessoal. Era retórico, afeito na arte de argumentar, sua mente estava assim exercitada. Entrementes, ele cria sua própria expressão, e tem notadamente uma retórica *sui generis*, com predominância de antíteses, jogos de oposição dos contrários, as comparações por analogia, e uma técnica de argumentar dirigida por uma lógica intencional.

Poder-se-ia dizer que, em princípio, é um método socrático: desenvolve o tema através de uma série de perguntas e comparações levando o interlocutor a induzir e deduzir por si mesmo, em progressão constante de imagens e ideias, através de uma lógica intuitiva. Ressalte-se que naquele tempo não havia uma nomenclatura de expressões e vocabulário consagrados ou padronizados, que esteve mais presente na Escolástica, séculos depois.

Em sua obra ***Sobre a Potencialidade da Alma***, um diálogo entre dois interlocutores, o mestre Agostinho e o aluno Evódio, amigos de outras datas e batizados ao mesmo tempo pelo ilustre bispo de Milão, Ambrósio, que exerceu influência determinante na conversão do professor em oratória, filho de Mônica e Patrício Aurélio, oriundo das regiões berberes da África Romana, sectário do maniqueísmo, de pensamento lógico e ávido de saberes.

Evódio fazia parte dos círculos de reflexões filosófico-teológicas e que mais tarde faria parte da comunidade monacal fundada por Agostinho em Tagaste, e que mais tarde seria ordenado e nomeado bispo de Uzala, na Namídia, pelo ano 396 d.C. Era matemático, e que à época não tinha estudos de filosofia, o que fez mais tarde, em Tagaste, com o mestre Agostinho.

É daí que surge, em forma de diálogo, a obra ***Sobre a Potencialidade da Alma*** com o objetivo de responder os questionamentos do discípulo. Ele desejava saber o que é alma, qual sua natureza própria, sua potencialidade, sua atividade como espírito.

Ora, a alma tem natureza própria, a do espírito, distinta da natureza da matéria, e se não pode ser percebida pelos sentidos do corpo, se não podemos ver a alma com os olhos, podemos entender com a razão, e ver mentalmente. E quem vê mentalmente é a própria alma.

Segundo Agostinho se não podemos na atual condição de uma alma encarnada no corpo, saber exatamente como ela é, ou o que é, podemos inteligivelmente entender o que não é, e nisso sabemos o que ela é.

Se é forma da matéria, não pode ter a mesma natureza da matéria, ou não seria princípio formal. A alma é o princípio formal do corpo.

E se pode entender e conhecer a matéria, sendo imaterial, é algo real em si, ou seja, substância espiritual própria.

É um processo gradual, lento e progressivo. Fala propriamente da atuação a potencialidade da alma. Inclusive observada nas variações do corpo que ela anima: idade, crescimento, etc.

Evódio faz cinco indagações iniciais: de onde se origina a alma? O que ela é (*qualis sit?*)

Como se une ao corpo? Como procede unida ao corpo? E quando separada dele? AGOSTINHO, Santo. *Sobre a Potencialidade da Alma (De Quantitate Animae)*.

Todas essas indagações são controvérsias e polêmicas do seu tempo. Alexandria e Cartago foram célebres centros culturais na antiguidade africana.

Ao indagar a origem da alma terá uma resposta da filosofia antropológica, porque é indagar sobre a origem do ser humano, alma e corpo, espírito e matéria, na unidade da pessoa; o único autor de qualquer alma é Deus.

A alma é imaterial com uma substância própria.

De quanto a alma é capaz (*quanta sit?*). A resposta só pode ser as potencialidades da alma, em sentido qualitativo.

Sobre como a alma se une ao corpo e nele atua também se relaciona ao *quanta sit?*

Por fim, como se comporta a alma separada do corpo. A resposta a essa indagação era apropriada ao âmbito teológico; e, portanto, sem desviar de Agostinho, obteremos respostas em outras suas obras, tais como *De Ordine* (Cassicíaco, 386 d.C), como também nos *Solilóquios*, onde demonstra a imortalidade da alma.

É um argumento ontológico (o ser em si mesmo considerado).

A verdade está gravada imortalmente na imortalidade do espírito (*Sobre a Trindade 14,4,5*).

Tal argumento foi posteriormente desenvolvido no "*De Immortalitate Animae*", livro que completa os *Solilóquios*, como também nas *Retratações*. Há igualmente explicação Teológica no "*De Trinitate, 14*". O ser humano é "*espírito vivente*".

2. DESENVOLVIMENTO

Em sua obra *Sobre a Potencialidade da Alma* Agostinho reúne sua compreensão sobre o conceito *alma*, amplamente, mas não conclusivo, porque terá oportunidade de fazê-lo em obras posteriores como *A Trindade*, *Solilóquios*, *Retratações*, etc. Evódio lança sua primeira indagação, de onde se origina a alma? Ouçamos o próprio Agostinho:

Creio que a pátria de origem da alma é Deus que a criou. Sobre a sua substância própria não posso imediatamente responder, pois não é possível compará-la com as diversas naturezas que nossos sentidos percebem. Não tem nenhum dos quatro elementos, terra, água, ar e fogo, nem composição como o que é formado por eles, por todos ou por alguns somente. Se me perguntarem de que é feita esta árvore que ali vemos, eu posso dizer que se constitui dos quatro elementos. Mas não saberia dizer a composição de tais elementos em si, ou o que são exatamente. Se a pergunta é sobre a composição do ser humano, respondo que é constituído de alma e corpo. O corpo é feito dos quatro elementos. Quanto à alma, que entendo como substância própria, não saberia dizer como é tal substância, como não sei dizer como é a substância dos elementos do corpo (Sobre Potencialidade da Alma).

Evidentemente que a terra não é um corpo simples, menos ainda que a matéria se componha supostamente de quatro elementos. Tais imprecisões científicas nos colocam no século de Agostinho.

No tocante ao *Quanta* que não diz respeito a dimensões ou tamanho, mas a sua potencialidade mesma. É o próprio Agostinho que no-lo fala:

Em que sentido fala em quanta? Na relação de dimensões e tamanho? Ou naquilo que é capaz por sua potencialidade? Pois falamos, por exemplo, do mito de Hércules, ora sobre sua estatura, ora sobre seu poder. E ele prossegue: O primeiro aspecto não pode ser aplicado à alma. Não a podemos imaginar, no sentido dimensional, tamanho, largura, vigor físico, porque tudo isso é corpóreo, e só poderíamos falar da alma nestes termos como um tipo de comparação, relativamente aos corpos. Por isso é recomendável, e com toda a razão, quando falamos em mistérios (na fé), desprezar o

corpóreo, não nos atendo ao mundo visível, como o percebemos pelos sentidos. E assim devem fazer todos os que se reconhecem criados por Deus, à sua semelhança. Nem existe outro modo de salvação para a alma, ou sua melhoria e conciliação com seu Autor. Não posso dizer o que é a alma com expressões materiais, e posso afirmar que não tem qualquer tipo de dimensão, não é longa ou larga, ou dotada de força física, e não tem coisa alguma que entre na composição dos corpos, como medida e tamanho. E, se lhe agrada, explico melhor (Sobre Potencialidade da Alma).

Vemos como o aluno Evódio aos poucos absorve a lição e progride, e vemos como Agostinho através de seu método socrático vai lentamente explanando o tema. Ainda que a alma não tenha dimensões materiais, ela é real, e sua potência é infinita.

Um tema relevante no tocante a alma é se esta cresce com a idade. Deixemos que o doutor de Hipona responda:

Se está de acordo, e não tem outra pergunta, passemos a outra reflexão. Já falamos bastante das figuras geométricas, talvez mais longamente do que você desejava. Verá mais adiante o proveito disso, em outros enfoques. Considero válido esse tipo de raciocínio em nossa investigação. Ele exercita o espírito para entender coisas mais transcendentais. Também faz com que a mente não seja ofuscada por esta luz interior, e não caia nas trevas da ignorância de onde desejou sair. E traz argumentos que, segundo penso, estão absolutamente certos. E seria vergonhoso para o homem duvidar do argumento de razão, quando lhe foi concedida a potência racional. Duvidaria menos de tais argumentos que das coisas vistas com os olhos do corpo, órgãos que, frequentemente, vivem em luta com os humores que produzem. Alguns animais enxergam muito melhor que nós pela visão natural, e nós dizemos superiores aos animais pelo uso da razão, e, sendo assim, seria intolerável dizer que, nesta superioridade, a visão da inteligência não é nada. Afirmar que a visão da mente é o mesmo que a visão dos olhos é uma coisa indigna de se afirmar. E também: Não suponha que a alma, pela progressão na virtude, cresça com a idade do corpo. Não se trata de crescimento da alma no tempo, mas pela harmonia constante que a faz mais

perfeita. Se uma noção é a de maior, outra a de melhor, e parecendo que a alma cresce com a idade, até chegar ao uso da razão, não acho que se torne maior, e sim melhor. E se isto se devesse ao tamanho do corpo, um sujeito alto e forte deveria ser mais prudente que os demais, e isso nem sempre acontece (Sobre Potencialidade da Alma).

Na medida em que vai desenvolvendo o tema, Agostinho dá vários exemplos da potencialidade da alma unida ao corpo e separada deste. A alma, por exemplo, não tem extensão, e não é por sentir em toda extensão do corpo que a alma esteja difundida nele por extenso. Veja o que diz:

Ora, ainda que sensação seja uma coisa, e ciência ou entendimento seja outra, o fato de não ser a coisa oculta à alma é comum nos dois casos. E da mesma forma que é comum ao homem e ao animal serem animados, também diferem muito um do outro. Tudo o que é percebido pela alma, seja diretamente nas potências do organismo, seja pela dedução da inteligência, não lhe é oculto. No primeiro caso chama-se sensação, no segundo é ciência (Sobre Potencialidade da Alma).

E depois acrescenta:

Ora, o corpo, devido a uma certa união com a alma, pode sofrer algo ali onde não está. E se isto acontece com os olhos, vamos supor talvez que a alma, capaz de dar tal potência aos olhos, seja tão limitada e impotente, a ponto de não lhe ser oculta a impressão do corpo, seja onde se toque, sem que a alma tenha que estar ali onde se produz a impressão? (Sobre Potencialidade da Alma).

E Agostinho finaliza dizendo que somente Deus é superior à alma, e que somente a Ele deve adorar.

É este o único Deus que a alma deve adorar, sem dele dizer nada falso ou menos verdadeiro. Aquele que a alma adora como Deus tem que ser necessariamente considerado por ela como superior ao espírito humano. Nem a terra imensa, nem o oceano, nem as estrelas 192 ou a lua, nem o sol, nada absolutamente do que podemos ver ou tocar deve ser

entendido como superior à alma, e nem as mesmas regiões superiores do céu criado, que não podemos ver, nem isto devemos entender como superior à natureza da alma. A razão nos convence de que todas estas coisas são inferiores a qualquer alma, se é que os amadores da verdade se atrevem desde agora a seguir firme e seguramente a mesma verdade, mesmo quando nos conduz por caminhos inusitados e difíceis (Sobre Potencialidade da Alma).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi apresentado vemos que Agostinho é verdadeiro mestre, ao tratar o tema, nos exemplos e ilustrações, mestre quanto ao método e grande pioneiro ao tratar o tema Sobre a Potencialidade da Alma de forma abrangente.

Nós servimos sobretudo de sua obra ***Sobre a Potencialidade da Alma*** percorrendo seu itinerário filosófico para compreensão do conceito referido, sua origem, suas potencialidades, sua ação junto e separado do corpo e seu destino final.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

DE HIPONA, Agostinho. **Sobre a Potencialidade da Alma**: Edição 2022. Petrópolis/RJ: Editora Vozes.

- _____. **A Trindade**. São Paulo: Paulus 1999.
- _____. **Contra os acadêmicos**. Rio de Janeiro, Vozes, 2014.
- _____. **Confissões**. São Paulo; Paulus, 1984.
- _____. **O livro-arbítrio**. São Paulo: Paulus, 1995.
- _____. **Solilóquios e a Vida Feliz**. São Paulo: Paulus, 1998.
- _____. **A Ordem I A grandeza da alma**. São Paulo: Paulus, 2014.
- _____. **O Mestre. 3º Edição**. São Paulo; Landy Editora, 2016.
- _____. **A Cidade de Deus**. Rio de Janeiro; Vozes, 1990.
- _____. **A Natureza do Bem**. Porto: Fundação Eng. Antônio, 1992.
- _____. **Comentário ao Gênesis**. São Paulo: Paulus, 2005.
- _____. **A Grandeza da Alma**. São Paulo: Paulus, 2008.
- _____. **A Doutrina Cristã**. São Paulo: Paulus, 2002.